

Márcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves
(Organizadores)

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO



Atena
Editora

Ano 2021

Márcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves
(Organizadores)

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO



Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfnas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: minorias, práticas e inclusão

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: minorias, práticas e inclusão / Organizadores
Marcia Moreira de Araújo, Carlos Jordan Lapa Alves. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-040-4

DOI 10.22533/at.ed.404211405

1. Educação. I. Araújo, Marcia Moreira de
(Organizadora). II. Alves, Carlos Jordan Lapa (Organizador).
III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Neste momento contemporâneo e avassalador, que minimiza nossa potência de agir, esse livro é um “respirar leve”, e traz consigo outras possibilidades de pensar, fazer e viver a educação neste contexto que inclui e reverbera liberdades e multiplicidades do agir democrático, fora dos padrões colonizados em nossas mentes por séculos.

Inspirados em nossos estudos, temos a urgência em entender como que uma sociedade inteira não se reduz a vigilância e propõe micro-liberdades individuais e coletivas. Junto a Certeau(1994) , problematizamos neste espaço: “que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não ser para alterá-los? Que táticas e artes de fazer engendram nas tramas da vida que formam uma contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”), dos processos silenciados que organizam as micropolíticas e formam as subjetividades diversas?

Eis, portanto, nossa grande missão neste livro: propiciar momentos, debates, críticas e litigar com poderes que permeiam o campo educacional tornando-o tradicional, excludente e retrogrado. A educação do presente não pode e não deve ser desconectada da realidade social, da diversidade étnica, de gênero, religiosa e de crença que a sociedade vive. Talvez, essa seja a hora de derrubar os muros que ergueram em volta das escolas para que este lugar seja de todos e todas.

Pensar raça, gênero, sexualidade, exclusão, inclusão, feminismo, machismo e interseccionalidade no contexto escolar é obrigação de educadores e educadoras neste momento histórico no qual as bases democráticas estão constante tensão. Não cabe a escola e aos professores o papel de agente passivo, mas ações veementes e fortes a favor da luta pela igualdade, equidade e qualidade educacional para todas as crianças de todas as crenças.

Em um país onde as Casas de Leis perdem tempo propondo projetos para inibir e coibir o fazer docente, por exemplo, projeto de Lei 4893/20 que busca criminalizar professores que debatem assuntos ligados a gênero e sexualidade, a balança do poder deve agir criando reações de contrapoder: ao silêncio o barulho, a ordem a desordem, a punição a revolta. Nunca cabe a um docente o papel de submissão, mas ação, a criticidade.

Esperamos que o leitor, ou a leitora, faça produções fecundas e inventivas a partir desta proposição de textos que apresentam uma subversão no espaço educativo nos múltiplos modos de aprendizagens. Desejamos que as apostas sejam a captura do que escapa dos modos imperativos de educação, e que as possibilidades de invenção e criação reverberem na prática docente por uma educação mais condizente com o que a humanidade vem liberando como demandas sociais.

Desejamos uma excelente aventura literária e formativa!

Márcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

MULHERES QUILOMBOLAS DE BARRINHA- SFI- RJ: NA LUTA E (RE)EXISTÊNCIA POR SUA LEGITIMAÇÃO COMO CATADORAS DE OSTRAS

Márcia Moreira de Araújo

Leandro Garcia Pinho

DOI 10.22533/at.ed.4042114051

CAPÍTULO 2..... 19

INCLUSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFPB: UM ESTUDO DOCUMENTAL SOBRE AS AÇÕES DO COMITÊ DE INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE

Ana Cristina Silva Daxenberger

Maria Sônia Lopes da Silva

Nielson Firmino de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.4042114052

CAPÍTULO 3..... 33

IMAGENS E SINAIS: UMA PROPOSTA DE ENSINO COLABORATIVO PARA SE COMPREENDER A OBRA *OS SERTÕES* NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

Márcio Araújo de Almeida

Matheus Anacleto da Silva

Paulo Augusto Tamanini

DOI 10.22533/at.ed.4042114053

CAPÍTULO 4..... 50

JOGOS DIDÁTICOS: *HOJE É ... DIA DE BRINCAR !!!*

Leonice Elci Rehfeld Nuglisch

Lucia Oliveira de Andrade

DOI 10.22533/at.ed.4042114054

CAPÍTULO 5..... 57

O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM ESPAÇO *FITNESS*: O ACOLHIMENTO DA PRESENÇA

Robenilson Nascimento dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.4042114055

CAPÍTULO 6..... 73

O DESAFIO DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Elida Carolina Almeida Roque

Felippe Wanderley da Costa

Fernanda Gonçalves da Silva

Lohane Miranda da Silva

Lohrena Teixeira Cardoso de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.4042114056

CAPÍTULO 7.....	82
O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA ATRAVÉS DE ATIVIDADES DESAFIADORAS EM UM ALUNO COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	
João Marcos Cristiano Tomaz	
Edêlma Targino	
DOI 10.22533/at.ed.4042114057	
CAPÍTULO 8.....	96
O PAPEL DO AFETO NO DESENVOLVIMENTO DO AUTISTA	
Maria Paula Rodrigues de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.4042114058	
CAPÍTULO 9.....	107
O ENSINO DE MATEMÁTICA ATRAVÉS DO SOROBAN: UM RECURSO CONCRETO QUE PODE SER UTILIZADO POR TODOS	
Raffaela de Menezes Lupetina	
Margareth Oliveira Olegário	
DOI 10.22533/at.ed.4042114059	
CAPÍTULO 10.....	117
O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO	
Sabrina dos Santos Silva de Almeida	
Rágina Candido da Silva Costalonga	
Isabel Cristina Polonine	
Leonardo Barreto da Costa	
Cristiano de Assis Silva	
DOI 10.22533/at.ed.40421140510	
CAPÍTULO 11.....	130
OS DIREITOS DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA	
Luciene Cristina de Assis	
Elivania Cristina de Assis Ananias	
DOI 10.22533/at.ed.40421140511	
CAPÍTULO 12.....	138
O USO DE TDIC NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR	
Suellen Teixeira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.40421140512	
CAPÍTULO 13.....	149
OS PROBLEMAS RELACIONADOS A EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Leylyane da Conceição Gomes Ferreira	
Katia de Souza Merence	
Vanda das Neves Gomes	

Rayane Batista de Moraes
Graciema da Cruz Silva
DOI 10.22533/at.ed.40421140513

CAPÍTULO 14..... 161

PAIS SURDOS – ESCOLA OUVINTE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

Giseli de Oliveira Fonseca
Edmar Reis Thiengo

DOI 10.22533/at.ed.40421140514

CAPÍTULO 15..... 181

POETIZAR A CEGUEIRA: O FILME *VERMELHO COMO O CÉU* E A EDUCAÇÃO COM O SONORO

Glauber Resende Domingues

DOI 10.22533/at.ed.40421140515

CAPÍTULO 16..... 192

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS COM ALUNO COM PARALISIA CEREBRAL DIPARÉTICA: ESTUDO DE CASO

Marciana dos Santos Silva Ventura
Katia Gonçalves Castor

DOI 10.22533/at.ed.40421140516

CAPÍTULO 17..... 204

RETRATOS, VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS

João Paulo Apolari
Ana Paula Ferreira de Melo Morgado
Thaís Casemiro Flores
Marta de Fátima Silva Forsan
Ivanete de Oliveira Dorta

DOI 10.22533/at.ed.40421140517

CAPÍTULO 18..... 213

O SERVIÇO SOCIAL DESENVOLVIDO NA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE)

Alexsandra do Socorro Farias Fernandes
Kleber Vinicius G. Feio
Dayane Cereja Ferreira da Silva
Ivana Lia Rodrigues de Carvalho
Raimunda da Silva Santana
Marlene Ribeiro Reis
Mariana do Ó Teixeira Santos
Beatriz Ribeiro Reis

DOI 10.22533/at.ed.40421140518

CAPÍTULO 19..... 226

REFLEXÕES ACERCA DA MOBILIDADE URBANA: DESAFIOS DE ACESSIBILIDADE

Andreia da Silva Neto

Sheila Venancia da Silva Vieira
DOI 10.22533/at.ed.40421140519

CAPÍTULO 20.....234

SOCIEDADE E DIREITO: MANUTENÇÃO DE PAPÉIS SOCIAIS E A IMPORTÂNCIA DA PROMOÇÃO DA MULHER

Júlio César Pinheiro do Nascimento
Samuel Henrique

DOI 10.22533/at.ed.40421140520

CAPÍTULO 21.....242

TRAJETÓRIA DE VIDA, AUTOETNOGRAFIA E GÊNERO: RESSIGNIFICAÇÃO DA EXISTÊNCIA A PARTIR DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM TURISMO

Aparecida de Fátima Pereira Balbina
Márcia Maria de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.40421140521

CAPÍTULO 22.....253

UMA COMPREENSÃO ACERCA DO PAPEL DOS INTÉRPRETES DE LIBRAS À COMUNIDADE SURDA: PERSPECTIVAS TEÓRICO-REFLEXIVAS

Luan Tarlau Balieiro

DOI 10.22533/at.ed.40421140522

CAPÍTULO 23.....260

VIOLÊNCIA A PESSOAS NA ESCOLA

Maria Vera Lúcia da Rocha Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.40421140523

CAPÍTULO 24.....273

VALORIZANDO A DIVERSIDADE CULTURAL: OFICINA DE ABAYOMIS

Pâmela Camile Silva Benevenuto Rodrigues
Milena Moreira de Oliveira
Aparecida Fátima Camila Reis

DOI 10.22533/at.ed.40421140524

CAPÍTULO 25.....279

STARTUP EDUKANET: UMA PROPOSTA DE SISTEMA EDUCACIONAL E TECNOLÓGICO PARA SURDOS

Nathalia da Silva Castro
Giseli de Oliveira Fonseca
Anilton Salles Garcia

DOI 10.22533/at.ed.40421140525

CAPÍTULO 26.....290

CURRÍCULO E CULTURA SURDA: A EDUCAÇÃO BICULTURAL EM QUESTÃO

Cauê Jucá Ferreira Marques
Marilene Calderaro Munguba

DOI 10.22533/at.ed.40421140526

CAPÍTULO 27	297
EDUCAR NO CÁRCERE: FUNDAMENTOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO EM PRISÕES Luana Soares Pereira Marilde Chaves dos Santos DOI 10.22533/at.ed.40421140527	
SOBRE OS ORGANIZADORES	308
ÍNDICE REMISSIVO	309

CAPÍTULO 21

TRAJETÓRIA DE VIDA, AUTOETNOGRAFIA E GÊNERO: RESSIGNIFICAÇÃO DA EXISTÊNCIA A PARTIR DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM TURISMO

Data de aceite: 03/05/2021

Data de submissão: 19/03/2021

Aparecida de Fátima Pereira Balbina

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul,
curso de Graduação em Turismo
Dourados - Mato Grosso do Sul
<https://orcid.org/0000-0003-2429-8406>

Márcia Maria de Medeiros

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.
Docente do curso de Graduação em Turismo
Dourados – Mato Grosso do Sul
<http://orcid.org/0000-0002-1116-986X>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo refletir sobre a relação entre o conhecimento produzido pela história de gênero e a trajetória de vida como categoria de análise. Para tanto, estuda as questões que correlacionam a chamada história vista de baixo, com a ressignificação da existência a partir de uma pesquisa autoetnográfica, abordando a importância da formação em curso de graduação na trajetória de vida da autora principal. O estudo revelou a importância que as políticas públicas têm para a redução das desigualdades sociais, pois constituem ações que efetivam uma melhor distribuição de renda, proporcionando o acesso à educação. Verificou-se também que o curso de Turismo permitiu à autora principal adquirir conhecimentos relacionados com a área da formação, além de proporcionar possibilidades até então inimagináveis, permitindo uma

mudança na forma como a autora entende o mundo e os seus sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Vivências; História de vida; Mulheres.

LIFE TRAJECTORY, SELF-ETHNOGRAPHY AND GENDER: RESSIGNIFICATION OF THE EXISTENCE FROM THE GRADUATION COURSE IN TOURISM

ABSTRACT: This article aims to reflect on the relationship between the knowledge produced by the history of gender and the trajectory of life as a category of analysis. To this end, it studies the issues that correlate the so-called history seen from below, with the re-signification of existence from an autoethnographic research, addressing the importance of training in a graduation course in the life trajectory of the main female author. The study revealed the importance that public politics have for the reduction of social inequalities, as they constitute actions that effect better income distribution, providing access to education. It was also found that the Tourism course allowed the main female author to acquire knowledge related to the training area, in addition to providing previously unimagined possibilities, allowing a change in the way the female author understands the world and its senses.

KEYWORDS: Experiences; Life History; Women.

1 | INTRODUÇÃO

As pesquisas de cunho autoetnográfico tem apresentado grande importância na área

das Ciências Sociais, surgindo enquanto um campo no qual se destaca o entendimento que os atores sociais possuem em relação à realidade que os cerca. Esse processo demanda a autorreflexão daquele que participa do processo envolvendo a autoetnografia, trazendo a tona novas possibilidades de trabalho as quais possuem como ferramentas a memória do sujeito, suas experiências pessoais, sua trajetória de vida e as significações e ressignificações de si que são construídas durante a sua existência.

Diante do exposto, este artigo tem por objetivo abordar a trajetória de vida e as experiências que acompanham o significado da existência de uma mulher sul-mato-grossense que vive no interior do estado, desde a sua infância até o seu ingresso na universidade pública, no curso de Turismo.

Através da narrativa da autora principal, é possível perceber o quanto as ações relacionadas ao acesso ao ensino transformaram a sua perspectiva de vida promovendo um processo de empoderamento, construindo e reconstruindo elementos que conferiram novos significados a sua existência.

O conceito de empoderamento utilizado neste artigo segue a proposta definida por Campos segundo a qual, “[...] o empoderamento nos transforma em sujeitos da história, pessoas que transformam seu ambiente ao invés de serem transformadas por ele” (CAMPOS, 2011, p. 274). Partindo dessa perspectiva nascem os temas que problematizam este trabalho: de que maneira o acesso ao ensino superior pode modificar a história de vida de uma mulher sul-mato-grossense? Que alterações em termos do significado da existência desse sujeito ocorrem, a partir do momento em que a possibilidade da educação se abre enquanto processo?

O presente artigo está dividido em três partes. Na primeira serão discutidos alguns elementos que pontuam as questões relativas à autoetnografia no sentido de compreender a possibilidade do uso da mesma enquanto via teórica e metodológica, a partir da premissa utilizada por Santos (2017).

No segundo momento, utilizando da narrativa da autora principal corroboradas pelas premissas das questões que envolvem gênero e educação serão feitas aproximações em relação à importância do curso de Turismo enquanto elemento que forma para além do mercado de trabalho, mas que também confere novos sentidos para a vida das pessoas. Na terceira parte são oferecidas as leitoras e leitores as considerações finais sobre o tema deste artigo.

21 O USO DA AUTOETNOGRAFIA ENQUANTO MÉTODO: A CRIAÇÃO DE NOVAS POSSIBILIDADES DE PESQUISA NA ÁREA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Em artigo publicado em 2018, Araújo e Davel afirmam que a autoetnografia é uma perspectiva de trabalho que apresenta um caráter de construção conceitual e teórico. Os trabalhos que possuem como base as premissas autoetnográficas se caracterizam pelo

fato de que o pesquisador “[...] faz parte do contexto pesquisado” (ARAÚJO, DAVEL, 2018, p. 195). Justamente por isso, este pesquisador possui um conhecimento mais aprofundado o que torna a sua análise mais rica.

Para Santos (2017), a autoetnografia é um método que se aproxima das pesquisas de cunho sociológico, podendo ser utilizada enquanto aporte para esse tipo de pesquisa. Assumir tal linha de trabalho significa fazer com que o pesquisador se torne protagonista da sua própria história, alinhavando sua trajetória de vida com as demais trajetórias que constituem o contexto social do qual faz parte, relacionando as diferentes maneiras de ver o mundo e de ser no mundo que este contexto efetiva. Sobre este assunto, afirma Gomes que:

A trajetória de um indivíduo, portanto, não pode existir de forma isolada, mas através de relações objetivas que o unem aos demais indivíduos em um mesmo campo, ou em campos diversos, ocupando lugares sociais, muitas vezes, diferentes ao longo do tempo (GOMES, 2009, p. 12).

A abordagem proposta pela autoetnografia conversa com as assertivas preconizadas por Jim Sharpe (1992), identificadas com o conceito da “história vista de baixo” (SHARPE, 1992, p. 39). A linha de raciocínio inaugurada pelo historiador inglês questiona a História chamada oficial, potencializando outras formas de análise do passado e compreensão da relação do mesmo com o presente.

Sharpe (1992) parte da importância que a subjetividade possui para o enriquecimento das análises históricas. Nesse sentido, a proposta de trabalho desenvolvida pelo autor corrobora com as assertivas que são orquestradas por Santos, quando este afirma que:

[...] a autoetnografia é, assim, um método que pode ser usado na investigação e na escrita, já que tem como proposta descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural (SANTOS, 2017, p. 220).

O método proposto pela autoetnografia demonstra o valor que as narrativas pessoais pautadas nas experiências dos sujeitos da pesquisa possuem. À medida que essas narrativas são analisadas e (re) significadas a partir das premissas da História tida como oficial torna-se possível questionar interfaces que imputam formas de poder as relações sociais vigentes, já que conforme informa Santos, tais inserções permitem “[...] interrogar as interseções entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro” (SANTOS, 2017, p. 221), através da posição pessoal e dos sentimentos do pesquisador.

Os estudos de cunho autoetnográfico possibilitam compreender a miríade de identidades que compõem um determinado tecido social, questionando-as ao mesmo tempo em que promovem a observação da relação que essas identidades estabelecem com as realidades sociais e culturais nas quais estão contidas. Tal pressuposto só pode ser alcançado a partir de uma perspectiva que envolva a subjetividade, a emotividade e o olhar

do pesquisador sobre a investigação (SANTOS, 2017).

É inegável neste contexto o papel que a memória ocupa no processo de construção do conhecimento, pois permite articular a (re) construção do passado tendo como ponto de partida o “eu”. Para Jim Sharpe, esse processo é importante, pois, no geral tais elementos são “(...) ignorados, tacitamente aceitos ou mencionados apenas de passagem na principal corrente da história” (SHARPE, 1992, p. 41).

Quando trazidas à tona estas narrativas possibilitam que mais atores sociais façam parte do cenário da História, revelando vozes que antes eram obliteradas ou desconsideradas em seus posicionamentos, necessidades, vontades e reivindicações.

Michelle Perrot (2005) trouxe à baila algumas destas preocupações quando escreveu *As Mulheres ou os Silêncios da História*. Nesta obra, a autora remete para o quanto as vozes femininas foram silenciadas no transcorrer do percurso da História dita oficial, escrita através de um viés masculino que desconsiderou a participação das mulheres no processo histórico por séculos.

Assim, percebemos a importância de fazer com que essas vozes sejam ouvidas e defendemos neste contexto que elas o sejam a partir do seu próprio ponto de vista. Por isso, concordamos com Santos quando ele preconiza que:

Do ponto de vista da narrativa formal, os autoetnógrafos muitas vezes escrevem usando a voz na primeira pessoa ou o seu ponto de vista, ou seja, o posicionamento do pesquisador como o narrador da história. O ponto de vista da primeira pessoa é decididamente subjetivo, porque o narrador relata o que ele ou ela observa (ou observou), as experiências, os saberes e o sentimento que fornece aos leitores sobre seus relatos enquanto uma testemunha ocular do fato vivido (SANTOS, 2017, p. 232).

Esta é nossa opção de escrita neste trabalho. O processo de autorreflexão trazido pela autora principal será articulado e permeado com questões que buscam correlacionar sua trajetória com o tecido social no qual a mesma está contida. Assim, seguindo a proposta de Santos (2017) o artigo trará no corpo do texto esta narrativa e, correlacionadas em notas de rodapé, as aliterações de cunho teórico e as reflexões que este *corpus* narrativo irá construir, articuladas as questões de gênero.

3 | A ESCRITA AUTOETNOGRÁFICA ENQUANTO ESPAÇO DE SI

Aqui vou contar minha trajetória da escola até a vida acadêmica, ela se inicia com meus sete anos onde fiz a primeira e a segunda série no Colégio Municipal 20 de Dezembro, ele atualmente se tornou um espaço de ações beneficentes do Rotary Clube, não me recordo bem deste início da vida escolar, pois ainda era muito nova.

De acordo com relatos de familiares reprovei na segunda série, fui matriculada após isso em uma nova escola, a Escola Castro Alves, devido a uma mudança de casa dos meus pais. Frequentei esta escola da segunda à quarta série, onde também não fui aprovada, a

escola oferecia somente o Ensino Fundamental I. Novamente mudei de escola, desta vez fui para a Escola Municipal Joaquim Murtinho, onde cursei o quarto ano pela segunda vez.

Nesta escola passei por muitas dificuldades, dentro da sala de aula tinha muita dificuldade em matemática, todas as contas eram resolvidas no quadro pelos alunos quando eu era chamada para resolver os problemas matemáticos em frente a sala não conseguia, os outros alunos praticavam *bullying* comigo quando a professora não estava vendo, já cheguei até a chorar dentro da sala de aula, devido a isto decidi parar de estudar e arrumar um emprego isto com apenas 14 anos¹.

Aos dezessete anos me tornei mãe² e me casei. Assim, fiquei mais de 15 anos sem retornar aos estudos, mas como eu recebia a bolsa família (um programa de ajuda do governo), e um dos critérios para continuar recebendo era voltar a estudar, me senti incentivada por esta política pública para mudar a minha vida³.

Matriculei-me na Escola Municipal Etalvío Penzo no período noturno, onde comecei

1 A perspectiva trazida no relato corrobora com a premissa articulada por Sílvia Fávero Arend (2012). Na opinião da autora, o Brasil do século XIX concentrava a maior parte da população no meio rural. No contexto social de então, pautado no plantation e no modelo agroexportador não havia a necessidade de educar as mulheres, sendo que as meninas filhas dos latifundiários estavam destinadas ao casamento, e para ocupar o espaço do lar lhes bastava saber “[...] os segredos do bordado, da confecção de rendas e da costura” (ARENDE, 2012, p. 67), além de “[...] saber tocar um instrumento musical, em especial o piano” [...] (ARENDE, 2012, p. 67). Quanto às filhas dos escravos ou dos colonos, seu universo estava diretamente relacionado ao ato do trabalho no campo ou doméstico: “Nas residências dessas famílias, tanto na zona rural quanto na urbana, as escravas (no tempo da escravidão), ou as ‘criadas de servir’ eram as responsáveis pela execução das tarefas domésticas e o cuidado das crianças (em muitos casos, inclusive, sua amamentação)” (ARENDE, 2012, p. 66). Assim, o espaço do trabalho doméstico também vai sendo dividido e se constrói uma repartição social entre as mulheres que comandam a casa (as ditas *sinhás*) e as mulheres que devem executar as ordens das primeiras. Esse cenário não se alterou em profundidade quando da entrada do século XX. Arend (2012, p. 68) aponta para uma transformação no lugar social ocupado anteriormente pelas *sinhás* e pelas escravas ou criadas de servir, sendo que agora as primeiras passarão a ser denominadas estudantes, tendo seu acesso a educação garantido exatamente pela condição social da qual fazem parte. As segundas caberá o lugar da empregada doméstica. Na opinião da autora, tal mudança ocorreu devido à “[...] uma nova noção de infância” (ARENDE, 2012, p. 68). O historiador francês Philippe Ariès aponta que, na Europa, particularmente na França esse novo conceito em relação à infância inaugurou-se com o advento da família burguesa, principalmente após a Revolução Francesa (ARIÈS, 2006, p. 153). O relato coaduna mais uma vez com a pesquisa de Arend. A autora aponta que: “Entre as populações femininas pobres, rurais e urbanas, além dos processos relativos ao corpo (a menstruação e a gravidez), o que continuava a demarcar o ingresso na mocidade era o fato de a menina estar apta para trabalhar (na maioria das vezes entre os 10 e 13 anos), especialmente fora de casa” (ARENDE, 2012, p. 76).

2 A questão da gravidez precoce era uma marca latente entre as jovens de baixa renda no Brasil, entre os anos de 1900 a 1980. De acordo com Arend: “[...] uma parcela mantinha abertamente relações sexuais com seus primeiros namorados, que resultavam, muitas vezes, em gravidez” (ARENDE, 2012, p. 77). Em seu texto, Arend relata a realidade histórica do sudeste em relação a este quadro para datá-lo, considerando os primeiros 80 anos do século XX. Uma análise da realidade social, histórica e econômica da região centro-oeste permite questionar se essa linha do tempo é pertinente também para o estado de Mato Grosso do Sul. Dados da Secretaria Estadual Saúde do estado revelam que em 2018, “[...] 6.495 adolescentes entre 10 a 19 anos engravidaram e deram à luz. Desses, 3.166 são adolescentes até 17 anos, sendo 344 até 15 anos” (SES, 2019, p. 01), levando a considerar que esse fato ainda é uma realidade no estado.

3 De acordo com Pereira (2015, p. 1682) o Programa Bolsa Família (PBF), implementado durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva pode ser considerado um dos maiores programas relativos à distribuição de renda já implementados mundialmente falando, atingindo, de acordo com o autor, 13,8 milhões de pessoas em 5570 municípios brasileiros. Um dos objetivos do PBF é justamente, através da melhor distribuição de renda, garantir acesso aos serviços públicos, entre eles, saúde, educação, segurança alimentar e assistência social. Pereira (2015, p. 1695) afirma que o PBF serviu como alicerce para o fortalecimento da cidadania e da democracia no Brasil, reforçando entre as pessoas atendidas pelo programa a capacidade de reivindicar direitos e de participar enquanto cidadãos do sistema político do qual fazem parte, portanto promovendo um processo de empoderamento.

novamente a 4^o série, a sala era composta toda por adultos, saia do trabalho direto para escola. Nesta escola não passei pelos problemas da minha infância devido à idade dos alunos e superei o meu medo de matemática por conta da didática utilizada pelos professores e professoras, com isso consegui superar todas as etapas e assim concluir o ensino fundamental. Após isso fiquei mais um ano sem frequentar a escola, pois não queria ir sozinha e desanimei, mudei de casa onde conheci uma vizinha⁴ que estava voltando aos estudos justamente para concluir o ensino médio a última etapa da escola, iniciamos os estudos na Escola Estadual Pastor Daniel Berg, que ofertava o Ensino para Jovens e Adultos (EJA), fazia-se o primeiro ano e a primeira parte do segundo ano juntos, depois a segunda parte do segundo ano e o terceiro ano⁵.

Com esta volta fui com ela até a metade do ano a pé, o filho dela começou a levá-la e, passei a ir sozinha, o desânimo novamente tomou conta, mas continuei com o incentivo da minha professora de português e no final do ano fui aprovada⁶.

Iniciei o próximo ano bastante animada mesmo indo sozinha, o segundo ano do ensino médio com uma parte do terceiro foi bem tranquila não passei por tantas dificuldades como antes fui aprovada e me faltava a última etapa do terceiro ano.

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em 2008/9 ainda permitia eliminar matérias dependendo da nota que se alcançava: fiz esta prova e fui aprovada em quase todas as disciplinas, sendo que apenas matemática faltou para concluir de vez o ensino médio. Então, me matriculei novamente na EJA e passei o ano frequentando apenas as

4 O trecho revela a importância da representatividade feminina no cotidiano, através da ajuda mútua e na convivência com mulheres que possuem histórias parecidas, o que pode ser constatado através da colega que acompanha a narradora no trajeto a escola: a sororidade faz-se presente no momento vivido e em vários outros, inclusive no âmbito universitário.

5 O programa de Educação para Jovens e Adultos teve suas diretrizes determinadas pela Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000, a qual informa que: “[...] como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio, e cabe a cada sistema de ensino definir a estrutura e a duração dos cursos da Educação de Jovens e Adultos, respeitadas as diretrizes curriculares nacionais, a identidade desta modalidade de educação e o regime de colaboração entre os entes federativos (BRASIL, 2000, p. 01).

6 O relato revela a importância da ação daquele/daquela que educa no contexto da educação, para além de mero transmissor do conhecimento: a professora exerce aqui o papel de incentivadora, de apoiadora para a realização de um sonho, para o alcance de um objetivo de vida. Ao colocar-se nesta posição, a professora se coaduna com a premissa defendida por Paulo Freire, segundo a qual a tarefa dos professores e professoras “[...] não se esgota no ensino da matemática, da geografia, da sintaxe, da história. Implicando a seriedade e a competência com que ensinemos esses conteúdos, nossa tarefa exige o nosso compromisso e engajamento em favor da superação das injustiças sociais” (FREIRE, 1991, p. 79). Ou seja, ao tornar-se uma incentivadora para que outra mulher alcance uma condição de estudo que lhe permita maiores oportunidades, a professora mostra seu papel enquanto agente político, processo este que hoje práticas advindas de pseudo-propostas, como o projeto “Escola sem Partido”, pretendem obliterar. Salienta-se novamente a questão da sororidade, uma vez que a narradora revela ter sido apoiada em seu desejo de continuar estudando por outra mulher. A perspectiva deste relato traz em si o lugar ocupado por uma mulher que está em uma situação social melhor que lhe permite construir um discurso de apoio à outra mulher, sem contar que a sua figura representa um processo que quebra paradigmas, pois ela ocupa um espaço de poder, constituído no fato de ser educadora. Assim, a professora demonstra através de si, a possibilidade de que outra mulher também conquiste novos espaços, quebrando um ciclo de pobreza e de dificuldades, o qual tem como fator preponderante para alteração do status quo, a educação.

aulas de matemática e consegui no final de 2009 o meu diploma do ensino médio⁷.

Nos anos seguintes prossegui realizando as provas do ENEM almejando uma vaga em um curso do ensino superior, passei durante 5 anos tentando conseguir notas suficientes para alcançar a vaga, sempre me imaginei cursando e me formando como assistente social, pois me identifico com o trabalho realizado por estes profissionais, tinha dentro de mim que com esta profissão conseguiria ajudar muitas pessoas, porém este sonho acabou quando descobri que só universidades privadas ofereciam o curso de Assistência Social e não tinha condições de pagar⁸, então continuei tentando nas universidades públicas: resolvi tentar o curso de pedagogia pois tenho três irmãos formados na área.

Em 2018, início do ano quando saiu às notas do ENEM finalmente vi que teria possibilidades reais de entrar em algum curso, com isso no SISU me inscrevi para tentar vaga em pedagogia, pois a nota de corte era baixa e eu já estava há anos tentando uma vaga, no último dia de seleção meu filho mais novo procurou por vários cursos em que eu teria mais chances que pedagogia até que ele chegou em turismo, curso que até o momento nunca tínhamos ouvido falar.

Ele disse que eu teria mais chances e colocou como primeira opção tinha mais vagas e nota de corte pouca coisa menor. Ao final da seleção do SISU fiquei na 142^o colocação: ali perdi as esperanças de entrar em um curso superior, mas semanas depois

7 Castro e Tiezzi (2005, p. 115) apontam que até meados dos anos 1980 a educação secundária no país se caracteriza por possuir um perfil elitista e era agenda que permanecia de fora das discussões relativas a políticas públicas para a Educação. Essa realidade só seria alterada a partir dos anos de 1990 devido a “[...] democratização do acesso ao ensino fundamental e a extraordinária expansão do nível médio” (CASTRO, TEZZI, 2004, p. 115). Esta expansão trouxe consigo a necessidade de implantar um sistema mais abrangente de avaliação e de promover a reforma curricular do ensino médio, uma vez que o caráter do qual este currículo se imbuía era extremamente propedêutico, além de ser conteudista e estar fora da realidade social do país. Salienta-se que este currículo até então preposto, servia como elemento para que os alunos (principalmente oriundos das classes média e alta) alcançassem sucesso no exame vestibular e adentrassem os cursos de graduação nas universidades. Esse cenário foi marcado pelas mudanças propostas pela Lei 9394/96 (LDB) que incluiu o ensino médio como etapa final da educação básica no país, abrindo às pessoas a oportunidade de atingirem um nível de formação mais elevado. Foi neste contexto e a partir da LDB de 1996 que o ENEM foi instituído, enquanto um instrumento de avaliação que permitiria contemplar se o desejo de formação de um currículo mais crítico e de caráter analítico estava sendo alcançado. Silveira, Barbosa e Silva trazem como marco o ano de 2009 para defender a premissa de que, a partir deste momento, foram desenvolvidas medidas governamentais cuja finalidade era estimular “[...] o uso do ENEM não apenas como um processo de avaliação do Ensino Médio, mas como forma de acesso ao ensino superior no Brasil” (SILVEIRA, BARBOSA, SILVA, 2015, p. 1101). Assim o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), passou a ser o sistema utilizado por várias instituições de ensino superior com a finalidade alocar candidatos em suas vagas, favorecendo a mobilidade estudantil nas mais diversas regiões/instituições de ensino superior do país. É dentro deste contexto que a narradora alcança a sua vaga em um curso superior e a possibilidade de ingressar na universidade. O relato demonstra de forma prática o sentido e alcance que a LDB/1996 possui, bem como a mobilidade/dinamicidade trazida pelo ENEM, principalmente no sentido de concluir em menor tempo os estudos de nível médio.

8 O relato demonstra que, apesar de políticas públicas como o já citado PBF, voltadas para garantir melhor distribuição de renda no país, o contexto relacionado a este quesito ainda é um fator limitante e complexo. Bertolli Filho (2011, p. 49) aponta que, apesar do incremento no Produto Interno Bruto (PIB) ocorrido entre os anos de 1968 a 1974, período da ditadura militar e do chamado “milagre brasileiro”, a situação econômica da classe trabalhadora não acompanhou o processo, pois o que ocorreu foi uma falsa impressão de desenvolvimento, marcada pelo fato de que “[...] o poder de compra do salário mínimo foi sensivelmente reduzido, tornando ainda mais difícil a vida das famílias trabalhadoras” (BERTOLLI, 2011, p. 50). Percebe-se o quanto à questão histórica da concentração de renda no Brasil afeta o cotidiano das pessoas, a partir da narrativa.

recebi uma ligação da universidade onde me informaram que eu teria que comparecer lá para efetivar minha matrícula. No momento em que eu ouvi essa informação nem acreditei, pensei que fosse até um trote. Quando da ligação eu estava trabalhando e assim que a secretaria da universidade desligou, comuniquei meu filho e logo após minha irmã, estava muito feliz, naquele dia finalmente consegui voltar a estudar.

Após todas estas ligações contei a minha patroa e já fomos em busca dos documentos necessários me matriculei no dia 19 de fevereiro dia inesquecível para mim foi a primeira vez que pisei em uma universidade me senti realizada e com muito medo de tudo que vinha pela frente pois já estava com 47 anos de idade⁹.

Não fazia parte dos meus sonhos e planos cursar o ensino superior, tendo em vista que vivia apenas para trabalhar, sustentar minha casa e ver meus filhos crescendo e tendo oportunidade que não tive quando jovem, mesmo tendo concluído o ensino médio, ainda possuo dificuldade de leitura e escrita, grande fator que me incentivou a continuar lutando anos após o primeiro ENEM, as notas me autodesafiando a continuar, após ingresso no curso de turismo noto um crescente desenvolvimento na minha leitura e desenvoltura pública nos ambientes profissionais e pessoais.

Hoje em dia me sinto melhor, tenho acrescentado formas de ver as coisas e as possibilidades de serem feitas, é satisfatório quando as pessoas vêm até mim dizendo sobre meu desenvolvimento após meu ingresso no curso de turismo. Cada aula, atividade teórica e prática, viagem e visita técnica, traz aprendizados cada vez maiores que posso estar aplicando além da área profissional, posso aplicar também na minha vida¹⁰.

9 Percebe-se na narrativa uma questão apontada por Silva (2008, p. 157) no que se refere à questão da faixa etária. Para a autora, a sociedade ocidental construiu marcos sociais, os quais tem por base a faixa etária dos sujeitos e que autorizam a passagem de uma fase da vida para a outra, inclusive denotando se naquele momento específico, a existência alcança o padrão esperado. Esses marcos constituem-se no “tempo certo” para ingressar na escola, para concluir o ensino médio, para ingressar no curso universitário, para casar-se, etc. Ou seja, o padrão discursivo imposto pela sociedade ocidental faz crer que alguém com 47 anos de idade não deveria estar ingressando no curso superior, pois este não é o “momento correto” em termos etários para isso. Há que se salientar que esta forma de ver o mundo e de percebê-lo, não considera a trajetória de vida das pessoas e atua de maneira excludente, fazendo com que o próprio sujeito que se encontra fora dos padrões pense ocupar um lugar que não lhe pertence por direito, ocultando o fato de que a conjuntura social e histórica da qual este indivíduo faz parte o solapou de alcançar determinados espaços devido ao contexto no qual ele pode estar contido e que impetra em sua existência fatores extrínsecos ao seu ser e a sua vontade.

10 De acordo com a Resolução nº 13/2006 do Conselho Nacional de Educação, a qual estabelece as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Turismo, observa-se a disposição em preparar um profissional capaz de analisar criticamente a realidade que o rodeia principalmente no que se refere ao disposto no artigo 4º da referida Resolução. Assim, anui-se pelo relato que este processo está sendo alcançado. Some-se a isso o fato de que a Resolução observa em seu artigo 8º, principalmente no que se refere as atividades complementares (que podem ser compreendidas no relato como as viagens e visitas técnicas): “As Atividades Complementares são componentes curriculares que possibilitam o reconhecimento, por avaliação, de habilidades, conhecimentos e competências do aluno, inclusive adquiridas fora do ambiente acadêmico, abrangendo a prática de estudos e atividades independentes, transversais, opcionais, de interdisciplinaridade, especialmente nas relações com o mundo do trabalho, com as peculiaridades das diversas áreas ocupacionais que integram os segmentos do mercado do turismo, bem assim com as ações culturais de extensão junto à comunidade” (CNE, 2006, p. 04). Ou seja, o alcance da compreensão que a narrativa apresenta, em programar os conhecimentos técnicos enquanto elementos a serem aplicados no cotidiano refere a relação entre a teoria e práxis aludindo a formação do sujeito para além da esfera profissional, mas também pessoal.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões discutidas no presente artigo permitem compreender o significado da educação de nível superior para além da formação visando o mercado de trabalho. Elas ressaltam o sentido deste contexto em termos de realização pessoal, possibilitando ao sujeito do processo educativo uma oportunidade de empoderamento.

O artigo também revela que as políticas públicas que possibilitaram a diminuição das desigualdades sociais, através de ações que efetivaram melhor distribuição de renda, também constituem em importante fator para o desenvolvimento social, pois permitiram o acesso à educação a pessoas que, pela sua condição histórica, foram alijadas deste processo.

Ademais, o fato de alcançar o ensino superior favorece a oportunidade de melhor colocação no mercado de trabalho, e as habilidades e competências desenvolvidas através da graduação em Turismo ofereceram possibilidades antes inimagináveis (viajar, conhecer outros lugares e outras culturas, interagir com pessoas que possuem hábitos e jeitos diferentes de viver) o que permitiu uma transformação na forma de ver o mundo e de ser no mundo da autora principal deste artigo.

Partindo do pressuposto de que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação do Profissional em Turismo observam a necessidade de que este sujeito tenha a capacidade e a competência de vivenciar e conhecer as relações humanas, é possível constatar, a partir da leitura desta autoetnografia, que este processo se desenvolveu de forma intrínseca.

Os estudos realizados no curso de graduação em Turismo, tangenciados pelos aspectos humanísticos (revelados pelas disciplinas com caráter sociológico, antropológico, histórico e filosófico) que compõe o currículo, possibilitaram a autora principal deste trabalho descobrir-se enquanto sujeito da sua existência.

Essa descoberta levou a uma resignificação de si, a qual teve início quando as primeiras oportunidades em termos educacionais lhe foram oferecidas e que se completa agora, com a formação de nível superior. Neste sentido compreende-se a importância de que mais sujeitos cuja história foi silenciada tenham acesso ao ensino. Tal premissa fortalece a cidadania e garante o respeito à dignidade humana, elemento primordial para a constituição de uma sociedade mais justa e mais equânime.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, B. C.; DAVEL, E. Autoetnografia na pesquisa em administração: desafios e potencialidades. **Atas CIAIQ 2018**. Congresso Ibero- Americano em Investigação Qualitativa, Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, vol 3, p. 194-203, 2018.

AREND, S. F. Trabalho, Escola e Lazer. PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2ª ed, Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 1**, 5 de julho de 2000. Estabelece as diretrizes nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>>. Acesso em 23 nov. 2020.

BERTOLLI FILHO, C. **História da saúde pública no Brasil**. 5ª ed, São Paulo: Ática, 2011.

CAMPOS, P. C. Comunicação, Empoderamento e Envelhecimento Demográfico. **Revista de Estudos para el Desarrollo Social de la Comunicación**, Norteamérica, 1, jun. 2012.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Projeto Pedagógico**. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 7, de 29 de março de 2006. Disponível em: <<https://eco.face.ufg.br/up/118/o/resolucao-CNE.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2020.

CASTRO, M. H. C.; TIEZZI, S. A Reforma do Ensino Médio e a Implantação do Enem no Brasil. SCHWARTZMAN, S.; BROCK, C. (orgs). **Os Desafios da Educação no Brasil**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2005, p. 115-147.

FREIRE, P. Das Relações entre a Educadora e os Educandos. FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não**: Cartas a quem Ousa Ensinar. São Paulo; Editora Olho D'Água, 1991, p. 75-81.

GOMES, T. P. **Entre a prática e a ciência: o parto através da trajetória do médico Mário Totta (1904-1940)**. Monografia de conclusão de curso, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2009.

JESUS, M. O. **O curso de Turismo e o espaço do cuidado de si – Relato de experiência**. Dourados/MS: UEMS, 2017.

PEREIRA, A. W. Bolsa família and democracy in Brazil. **Third World Quarterly**, 36:9, 1682-1699, DOI: 10.1080/01436597.2015.1059730. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/01436597.2015.1059730?needAccess=true>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da História**. Bauru: Educs, 2005.

SANTOS, S. M. A. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p. 214-241.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, n. 1, p. 155-168, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 jul. 2020.

SILVEIRA, F. L.; BARBOSA, M. C. B.; SILVA, R. Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): uma análise crítica. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 37, n. 1, p. 1101, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-11172015000101101&script=sci_arttext&lng=pt>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SES. Secretaria Estadual de Saúde. Disponível em: <<https://www.saude.ms.gov.br/governo-do-estado-lanca-campanha-de-prevencao-da-gravidez-na-adolescencia-nesta-quarta-feira/>> Acesso em: 21 abr. 2020.

SHARPE, J. A história vista de baixo. BURKE, P. (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 19, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 65, 67, 68, 69, 141, 142, 145, 146, 192, 193, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 257, 283, 295, 308

Acolhimento 57, 65, 66, 105, 152, 176, 177, 237

Aluno surdo 35, 37, 38, 41, 44, 138, 139, 140, 143, 144, 148, 169, 205, 254, 255, 257, 259

Autoetnografia 242, 243, 244, 250, 251

Avaliação psicológica 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80

B

Brincar 50, 54, 102, 103, 131, 137, 182, 193, 274

C

Cegueira 63, 64, 67, 69, 143, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191

Construção da aprendizagem 51, 52, 138

D

Deficiência visual 26, 50, 51, 57, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 169, 186, 229

Desenvolvimento da leitura 82, 83, 87, 88, 89, 90, 93, 94

Desenvolvimento do autista 96, 97

Dificuldades de aprendizagem 82, 83, 85, 86, 94, 95, 117, 118, 121, 122, 127, 158

E

Educação 17, 20, 22, 25, 26, 30, 34, 35, 48, 50, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 64, 65, 66, 68, 70, 71, 72, 76, 80, 82, 87, 96, 97, 98, 99, 100, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 122, 124, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 168, 170, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 208, 210, 211, 212, 213, 216, 217, 223, 224, 234, 236, 239, 240, 242, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 260, 261, 264, 267, 268, 269, 271, 272, 278, 279, 281, 282, 283, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308

Educação com o sonoro 181

Educação de jovens e adultos 149, 150, 153, 155, 157, 158, 159, 160, 204, 211, 247, 251, 261, 300, 307

Ensino 14, 19, 20, 23, 24, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 47, 48, 50, 51, 55, 65, 67, 76, 82, 83, 84, 87, 90, 98, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122,

130, 131, 132, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 162, 172, 175, 185, 192, 193, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 264, 265, 267, 268, 269, 270, 271, 278, 284, 285, 288, 293, 294, 298, 299, 301, 302, 304

Ensino colaborativo 33

Ensino de matemática 107, 112

Ensino e aprendizagem 90, 106, 111, 112, 117, 119, 158, 172, 193, 199, 201

Ensino superior 19, 20, 24, 30, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 243, 248, 249, 250, 255, 259

Escrita 22, 33, 35, 52, 55, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 115, 169, 176, 196, 197, 244, 245, 249, 252, 286, 294

Evasão escolar 142, 144, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160

G

Gênero 1, 2, 7, 9, 10, 11, 15, 18, 236, 238, 240, 242, 243, 245, 308

I

Inclusão universitária 19, 20, 21, 22, 29

Intérpretes de libras 253

J

Jogos didáticos 50, 51

Jogos pedagógicos 192, 193, 194, 195, 196, 201

L

Libras 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 44, 45, 48, 52, 53, 76, 139, 143, 146, 161, 162, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 205, 211, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 282, 283, 284, 285, 289, 290, 294, 295, 296

M

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 34, 63, 67, 70, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 245, 246, 247, 250, 251, 285, 308

Mulheres quilombolas 1, 2, 3, 7, 10, 12, 15, 16, 308

O

Oficinas 25, 219, 220, 295

P

Pais surdos 161, 164, 165, 166, 167, 174, 175, 177, 178, 179, 180

Papéis sociais 234, 235, 237, 238, 239, 268

Papel do afeto 96

Paralisia cerebral diparética 192, 194, 196, 197, 201, 202

Pesca 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 18, 308

Pessoas com deficiência 19, 20, 21, 22, 23, 25, 30, 57, 58, 59, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 108, 110, 111, 116, 130, 132, 135, 139, 140, 142, 145, 146, 147, 214, 216, 217, 218, 219, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 294

Processo de alfabetização 47, 84, 88, 89, 113, 192, 193, 194, 196, 201

S

Sociedade e Direito 234

Soroban 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116

T

Tecnologia 29, 35, 55, 88, 139, 141, 145, 146, 161, 279, 282, 284, 289, 308

Transtorno de déficit de atenção 23, 86, 117, 121, 127

V





Violência na escola 260, 261, 262, 265, 266, 268, 271, 272

Vivências 60, 61, 72, 99, 100, 105, 153, 193, 204, 242, 273, 275, 277

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br